

Reiki: religião ou prática terapêutica?

Reiki: religion or therapeutic practice?

Francisca Niédja Barros Teixeira*

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a imposição de mãos, através da técnica terapêutica conhecida como *reiki*. Nele, focalizamos os agentes de cura que se utilizam dessas práticas consideradas não religiosas, suas raízes e a sua formação como parte do cenário religioso brasileiro. Para os fiéis em busca de saúde, eles excluem a ideia de salvação, comum em todas as religiões. Em suas práticas ritualísticas, enquanto grupos organizados, estão sempre ancorados na ideia de um Deus como energia criadora e manipuladora do Universo. Ainda assim, mantêm suas raízes nas tradições orientais e conceitos baseados nas dimensões da matéria e do espírito. Os seus praticantes aproximam-se de concepções religiosas e místicas orientais, primam pela não utilização de espaços sagrados em seus consultórios e não admitem ligação com nenhum credo. Queremos, com este trabalho, contribuir com o diálogo entre as ciências da religião e a arte da terapêutica da cura holística pelo uso da imposição das mãos para a saúde do corpo físico e mental.

Palavras-chave: Religião; Cura; Imposição das mãos; Ciências da Religião.

Abstract

This article aims to review palm healing through the therapeutic technique known as *reiki*. We focus on healing agents that use such non-religious practices, their roots and their training as part of the Brazilian religious scene. For those in search of true health, they exclude the idea of salvation common to all religions. In their ritual practices, those organized groups are always anchored in the idea of God as the creative and manipulative energy of the universe. Still, they keep their roots in Eastern traditions and concepts based on the dimensions of matter and spirit. The practitioners approach eastern religious and mystical concepts, as the therapy implies the non-use of sacred spaces in offices and does not allow any connection with any religion. Our contribution to religious phenomena can foster a dialogue between the sciences of religion and the art of holistic therapy by the use of palm healing for physical and mental health.

Keywords: Religion; Healing; Palm healing; Sciences of Religion.

Artigo recebido em 28 de agosto de 2009 e aprovado para publicação em 18 de dezembro de 2009.

* Mestre em Ciências da Religião pela Unicap (PE), especialista pela Universidade Salgado de Oliveira e graduada em Letras pela Unicap, e-mail: niedjateixeira@hotmail.com

Introdução

Partimos da seguinte questão: qual o significado do *reiki* enquanto cultura – e religiosidade – para um povo cujos caminhos sofreram modificações em todo o percurso ao longo de sua história? Indagamos ainda qual a aceitação dessa modalidade de terapia e quais os benefícios trazidos por essa aceitação. Constatamos que as práticas do *reiki* como terapia de cura, juntamente com as suas aplicações terapêuticas, manifestam-se como um meio de subsistência, com características arreligiosas. Ao mesmo tempo, reconhecemos que o *reiki* tem grande aceitação dentro de nossa cultura.

Percebemos que as experiências espirituais de cunho místico ritualístico guardam, em sua história, um papel importante, tanto na vida cotidiana como na religiosa. Divorciar o *reiki* dos rituais seria negar que as mãos humanas comportam diversos sentidos, de acordo com os vários sistemas de conhecimento e de religião. “É no ritual – isto é, no comportamento consagrado – que se origina, de alguma forma, essa convicção de que as concepções religiosas são verdadeiras e de que as diretivas religiosas são corretas” (GEERTZ, 1989, p. 82).

Renascido de raízes orientais, o *reiki* não pertence ao clero, é exercido por grupos especializados que se constituem em empresas como as demais instituições. Nessa religião mercantil sem prática religiosa aparente, a doutrina filosófica em si deixa de ser importante, transformando-se em ponto secundário, e o fator fé não tem a menor relevância.

A relação de troca existente nas religiões não se coaduna com as práticas existentes no *reiki*, cuja promessa de saúde para o corpo é convertida em cura holística, uma variação do que poderíamos chamar de fluidoterapia, também utilizado no passe espírita, no *johrei* da Igreja Messiânica, na cura prânica dos filipinos, etc. “A verdade da empresa religiosa é a de ter duas verdades: a verdade econômica e a verdade religiosa, que a recusa” (BOURDIEU, 1996, p. 184). A experiência religiosa do *reiki* vivenciada no dia a dia pelos seus adeptos se traduz como trocas simbólicas, em que o preço pelo serviço oferecido não aparece camuflado. Encontramos, nos consultórios, verdadeiros magos e feiticeiros autônomos entre si, construindo sua legitimação dentro da sociedade, apoiados na profissionalização de terapias alternativas.

Não religiosos cedem, com frequência, à tentação de transformar saberes positivos em discursos normativos, capazes de exercer uma forma de terrorismo legitimado pela ciência. Diante do panorama apresentado, destaca-se a adesão dos fiéis aos serviços oferecidos pelas igrejas com objetivos terapêuticos, como as sessões de cura. Tal fenômeno nos faz refletir sobre como as noções de normal e patológico atuam na ideologia dessas igrejas e seus fiéis, colaborando para o sucesso das práticas “mágicas” oferecidas. (BOURDIEU, 1987, p. 120)

1 Ponto de partida

O *reiki* é uma das ramificações budistas do *Qigong* chinês e possui também influência do Xintoísmo japonês. Redescoberto e divulgado por Mikao Usui no final do século XIX, hoje existe em várias versões, algumas consideradas verdadeiras, outras tidas como adaptações aos padrões ocidentais.

Afirmam os “Mestres” em *reiki* que várias informações sobre essa prática foram perdidas durante a Segunda Guerra Mundial. A verdadeira história de suas origens nunca foi traduzida para nenhuma língua. Em 1991, a médium Laurel Steinice, em estado de transe, afirmou ser a energia do *reiki* originária de outro planeta: trazida à terra por deuses e deusas, sua cultura-raiz tornou-se a Índia pré-patriarcal.

O deus hindu, que hoje conhecemos como Shiva, e que era feminino naquele tempo, foi quem trouxe o Reiki para cá e ela (e) quer ser lembrada (o), por essa dádiva. Quando o corpo humano foi projetado para este planeta, o Reiki foi incorporado no código genético como um direito de nascimento para todos. (STEIN, 1995, p. 25)

Mikao Usui, o redescobridor do método *reiki*, nasceu na província japonesa de Gifu em 15 de agosto de 1865 e morreu em 9 de março de 1926 em Fukuyama. A afirmativa de que foi reitor de universidade e padre católico é duvidosa. Usui não era cristão. Sabe-se que foi casado com Sadako Suzuki e que o casal teve três filhos. Registros da passagem de Mikao Usui pela Universidade de Doshisha, como diretor, professor ou aluno não foram confirmados.

A origem dessa prática com bases orientais é envolta em lendas. Uma delas é a de que certo dia Usui sentiu-se desafiado por alguns alunos, enquanto ministrava aulas sobre os milagres: “Se Jesus curava tantos doentes, por que isso não está acontecendo na Igreja hoje?” Desconhecendo a resposta, Usui pediu demissão da universidade e saiu percorrendo

o mundo à procura dessa resposta. Após vários anos de procura, encontrou algumas anotações de um discípulo de Buda com os símbolos secretos do método *reiki*, e as descrições de como o Grande Mestre Siddhartha Gautama curava doenças físicas pela imposição das mãos, muito embora, ao longo dos séculos, o budismo tenha se concentrado apenas na cura do espírito.

Mikao Usui, ao ler o Sutas do Lótus, encontrou a fórmula que tanto procurava. Ficou fascinado com a descoberta e tomou uma importante decisão: iniciou um retiro de 21 dias, durante os quais jejuou, orou e meditou. No 21º dia, teve a sua experiência de *satori* (iluminação), quando recebeu, automaticamente, um *rei-ju* (iniciação) e ficou sabendo de que forma iria utilizar a energia. Como afirma o próprio Usui em entrevista datada entre 1922 e 1926:

Enquanto jejuava, entrei em contato com uma energia intensa e, de um modo misterioso, fui inspirado. Tornou-se claro para mim que eu recebera a arte espiritual da cura. Embora eu seja o fundador deste método, acho difícil explicar isto de uma forma mais precisa. Médicos e estudiosos fazem pesquisas apaixonadas (neste campo), mas tem sido difícil (até agora) chegar a uma conclusão baseada na ciência médica. Vai chegar a hora em que o Reiki se encontrará com a ciência. (PETER, 2002, p. 22)

Ao redescobrir a arte da cura através da Energia Universal da Vida, Usui aplicou-a então em si próprio, nos seus familiares e em outras pessoas que procuravam ajuda. Sentindo que suas mãos curavam, chamou essa prática de *reiki*, um sistema natural de harmonização e reposição energética. A palavra, formada de dois *kanjis* – REI, que se refere à essência cósmica, e KI à energia vital individual, encontrada em todos os organismos vivos – significa o encontro das duas energias.

A energia do Reiki não é positiva nem negativa. Ela é a maior vibração de energia vital à disposição de um ser humano. Essa vibração tem uma qualidade divina e por isso nada exclui. Ela nos permite entrar em contato com os impulsos vivos do mundo, levando assim o sentido de “unicidade”. Todos os problemas e distúrbios físicos humanos em última instância se devem à ilusão de “separação” com relação ao mundo. (LÜBECK, 1997, p. 19)

Baseado nos princípios budistas, o *reiki* prega a compaixão por todos os seres vivos, a não violência inclusive para com os animais, o amor sem apego e a ajuda ao próximo. Para Usui, era de fundamental importância que a energia curadora em nome do amor e da humildade fosse levada a várias pessoas para que estas aprendessem o método e se tornassem agentes multiplicadores. Popularizar o método era a sua proposta.

Após a iniciação, Usui instalou-se em um bairro pobre de Kyoto e, durante anos, ministrou sessões de cura aos mendigos da cidade. Estes, entretanto, em vez de começarem uma vida nova, ficaram zangados com a cura, pois já não podiam ganhar a vida mendigando como antes, tinham de trabalhar.

A falha de Usui pode ser devida, não ao fato de os mendigos não terem pago, mas ao fato de ele ter curado apenas o corpo deles, e não sua mente e espírito. A doutrina budista não enfatiza a cura do corpo, mas a espiritual, e afirma que esta depende de se entrar no Caminho da Iluminação. Uma vez alcançada a Iluminação, a pessoa não precisa mais encarnar, e essa é a maneira de terminar o sofrimento. Os budistas apontam o Caminho da Iluminação como o único método de cura verdadeiro e válido. (STEIN, 1995, p. 32)

Originais de uma apostila contendo informações mostram que o método *reiki* não teve tradição exclusiva na transmissão oral de seus conhecimentos. Mikao Usui adotou, no sistema de cura natural, as cinco regras de vida do Imperador Meiji: Não se zangue hoje; Não se preocupe hoje; Demonstre apreço; Trabalhe com afinco (sobre si mesmo); Seja bondoso. Acreditava Usui que corpo sadio traz como consequência a mente sadia.

Compreender os cinco princípios para se alcançar a felicidade, eis o segredo da tranquilidade mental dos sábios da Antiguidade. Afirma ainda Usui: "Hoje precisamos melhorar e reestruturar nossa vida de modo a podermos libertar nossos semelhantes da doença e do sofrimento emocional. É esta a razão pela qual ousou ensinar livremente este método em público" (PETER, 2002, p. 18).

Após o seu "desencarne", foi construído em Tóquio, em fevereiro de 1927, um memorial em sua homenagem, pela Usui Reiki Ryoho Gakkai, organização dedicada à prática e ensino do *reiki* no Japão. Incrições no memorial dizem pouco sobre sua vida e

seu método de cura. Sua experiência dos 21 dias no Monte Kurama são as únicas informações sobre a vida de Mikao Usui que não foram contestadas até o momento.

O *reiki* chegou ao Ocidente através de Hawayo Takata (1900-1980), que, depois de curada de um câncer, passou alguns anos no Japão para aprender a técnica com Chujiro Hayashi, um dos discípulos diretos de Usui. Em 1925, com 47 anos, Chujiro Hayashi, afastando-se da escola *Usui Reiki Ryoho Gakkai*, criada por Mikao Usui, iniciou o seu próprio Método de Cura Natural.

2 Fundamentos do *reiki*

Demonstrar gratidão pela vida e respeitar as leis naturais não foi o único legado deixado por Mikao Usui. A imposição de mãos, com o objetivo de curar ou aliviar a dor do semelhante significa, para seus adeptos, o mesmo que seguir em busca de um verdadeiro caminho para a Luz ou para si próprio.

O pensamento impregnado de espiritualidade faz do *reiki* uma mistura de divino e de humano. Embora todos possuam a capacidade inata de impor as mãos, no sistema *reiki*, o desbloqueio dos chacras ocorre com o ritual de iniciação, momento em que canais de energia são abertos permitindo ao iniciado entrar em sintonia com a Energia Universal e assim, transformar-se em um agente de cura.

Quando ocorre o desbloqueio, recupera-se a capacidade existente em todo indivíduo e perdida ao longo de sua evolução humana. Nesse momento, o iniciado não só recebe o aumento de sua energia vital, como também está ligado à fonte do Ki ou Ch'i do Universo: inicia-se um processo de autocura das suas doenças físicas, chamado *shoden*.

A abertura dos chacras deve durar de 21 a 30 dias, momento em que o iniciado passa por um processo de desintoxicação, podendo ocorrer vários sintomas, desde uma simples coriza a diarreia e vômitos. É um sinal de que a sua aura e seus chacras estão sendo limpos, assim, a passagem energética se torna muito simples, muito concentrada, direta e eficaz.

A iniciação acontece em três níveis: o nível I possibilita aos agentes a participação da cura em grupo. Pode haver de dois a nove agentes atuando em um único paciente, que, ao receber um forte fluxo de energia, obtém um benefício completo e rápido.

O nível II se concentra nas curas emocionais, mentais e cármicas: a capacidade de atuação é aumentada, o indivíduo toma conhecimento de três mantras (sons) e três yantras (símbolos), adquirindo, assim, conhecimento e poder para enviar o *reiki* a distância. Esse nível, também chamado de *okuden*, possibilita ao iniciado a utilização dos símbolos sagrados que são introduzidos na aura no momento da iniciação. Nesse nível, a energia emitida pela força do iniciado já pode ser direcionada.

O nível III, considerado “Mestrado”, capacita o indivíduo a iniciar novos reikianos e a transmitir seus conhecimentos dentro do Sistema Usui. A cada iniciação, aumenta consideravelmente sua capacidade de canalizar o ki, podendo a iniciação ser acompanhada por um ritual ou ser apenas uma simples cerimônia, na qual cada pessoa sente uma sensação diferente, uma experiência própria: algumas percebem cores, veem desenhos, outras chegam até a lembrar vidas passadas.

Poderíamos assim resumir: o nível I constitui-se praticamente para autocura; o nível II para aumento do potencial de energia de cura no emocional, mental e cármico; o nível III é o grau de Mestre/Instrutor, sua capacidade de curar atinge níveis mais altos.

3 Simbologia como substância da vida espiritual

Para Geertz (1989, p. 69), são os símbolos que “modelam” as relações entre as entidades, “imitando” ou estimulando-os em dois sentidos – um sentido “de” e um sentido “para” – e embora sejam dois aspectos de um mesmo conceito básico, vale a pena diferenciá-los. Ao relacionar essa afirmativa com a prática em estudo, observa-se nos símbolos a essência e a fórmula de aplicação do *reiki*. Eles são a chave para empregar e transmitir esse sistema de cura. O *reiki* é um método extremamente simples, composto essencialmente de símbolos. O simbolismo está presente em todos os lugares e tem papel fundamental na vida de uma sociedade. Afirma Eliade (1991) que só do homem moderno depende “despertar” esse tesouro de imagens que ele traz consigo para contemplá-las na sua virgindade e assimilar a sua mensagem.

Tradicionalmente, o iniciado, ao receber os símbolos sagrados, não deve copiá-los, mas guardá-los na mente. No passado, afirmam seus adeptos, havia trezentos símbolos do *reiki*, embora apenas 22 fossem utilizados. Hoje restam apenas cinco. São as fórmulas que Mikao Usui encontrou nos Sutas e que são reconhecidas pelo budismo e consideradas

sagradas e secretas: “o símbolo revela certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafia qualquer outro meio de conhecimento” (ELIADE, 1991, p. 8).

Para acrescentá-los às sessões de cura, é necessário apenas visualizá-los ou desenhá-los no ar com as mãos e eles entram logo em atividade – afirmam seus adeptos. Os símbolos considerados sagrados no *reiki* são utilizados durante as iniciações, mas só um símbolo é usado para a cura.

A utilização de símbolos serve para o homem criar instrumentos que o auxiliam a manter seu pensamento concentrado e canalizador de sua vontade. “A própria consciência é uma espécie de energia que está integralmente relacionada com a expressão celular do corpo físico. Assim, a consciência participa da contínua criação da saúde ou da doença” (GERBER, 1988, p. 37).

Ao aplicar o *reiki*, afirmam os agentes de cura não estarem trabalhando com uma energia própria, e sim com uma energia extraída do Universo – a energia extraída do Cosmo e transmitida através das mãos,

Ligar-se ao Ki de cura e colocar as mãos sobre si mesmo ou sobre outra pessoa é o bastante, mas o mais importante no *reiki* é a cura a distância, ou seja, a cura de alguém em que não se pode fazer a imposição das mãos. A cura ocorre no nível do campo mental, um processo de visualização em estado de concentração.

Não existe possibilidade do uso da energia do *reiki* na prática do mal, nem é possível com ela se cometerem enganos: a energia nunca é imposta ou forçada, ela é “puxada” pelo seu receptor, desta forma, direcionada e distribuída ao longo do corpo para manter o equilíbrio.

O uso constante relaxa e harmoniza, desintoxica e aumenta a frequência vibratória do corpo: a “energia curativa que existe desde o princípio da civilização deve ser explorada e não ignorada, mesmo quando parecem se aventurar no domínio dos fenômenos psíquicos” (CODDINGTON, 1978, p. 21).

A energia *reiki* afeta todos os chacras da coroa que se encontra localizada no topo da cabeça, local de percepção dos guias espirituais, com capacidade concentrada de canalização, cuja cor é o índigo simbolizando o azul-escuro do céu noturno. É o centro do poder feminino e representa a criação das realidades pessoais. Cada indivíduo, ao participar do ritual da iniciação, escolhe no nível do subconsciente a quantidade de energia que irá

receber e, se realmente está receptivo, deixará que a luz ou energia criativa, ou ainda, energia cósmica circule livremente.

Existem diferentes sistemas no método *reiki*. O ensinado no Ocidente é uma variação criada por Chujiro Hayashi. Assim como ocorreram fragmentações dentro do budismo, do cristianismo, com o *reiki* não foi diferente: vários iniciados dizem estar com o verdadeiro método de cura.

Mikao Usui ensinou a prática do *reiki* sem dividi-lo em graus. Hawayo Takata dividiu o sistema *reiki* em graus e valeu-se do sistema de pagamento. No Brasil, os consultórios obedecem às mesmas regras seguidas por Hawayo Takata.

O conjunto de símbolos sagrados que formam o sistema religioso faz parte não só do imaginário popular, mas também do dia a dia do reikiano, cujo significado é a base fundamental experienciada a cada toque. Não há razão para duvidar da eficácia de certas práticas mágicas, pois a eficácia da magia implica a crença na magia; crença por parte de quem a pratica (feiticeiro/pastor), por parte do doente (fiel) e por parte do consenso (igreja, comunidade ou grupo cultural). (LEVI-STRAUSS, 1970, p. 84)

No passado, essa prática era comum no Oriente, assim as transmissões dos símbolos constituíam-se verdadeiros ensinamentos. Essa é a razão pela qual os livros sagrados dos orientais falam na existência de centenas de símbolos. Os discípulos, ao serem iniciados, recebiam um sinal abstrato para ser invocado nos momentos em que fossem praticar os rituais de cura, como resultado, originou-se essa multiplicidade de símbolos cuja variedade, afirmam seus praticantes, desapareceu ao longo do tempo.

Isto se torna ainda mais evidente quando lembramos que a função de um símbolo é justamente revelar uma realidade total, inacessível aos outros meios de conhecimento: a coincidência dos opostos, por exemplo, tão abundantemente e simplesmente expressada pelos símbolos, não é visível em nenhum lugar do Cosmos e não é acessível à experiência imediata do homem, nem ao pensamento discursivo. Entretanto, evitemos acreditar que o simbolismo se refere apenas às realidades “espirituais”. Para o pensamento arcaico, tal separação entre o “espiritual” e o “material” não tem sentido: os dois planos são complementares. (ELIADE, 2002, p. 177)

Pesquisas apontam como resultado satisfatório dessa prática religiosa o poder da mente, não existindo, portanto, a necessidade da utilização de símbolos. É a mente, não a simbologia utilizada, a encarregada de unir essa trilogia: espírito – mente – matéria. Ao

produzir efeitos a distância, o *reik* comprova que o essencial não é a imposição de mãos, muito menos a posição das mãos ou o seu movimento. O essencial é a ação mental, que promove o equilíbrio energético, atuando na prevenção de doenças ou na restituição da saúde e do bem-estar:

A energia que cura, a energia que mumifica, é uma energia do ser humano, do cérebro humano. E é uma energia tão poderosa que viaja a distâncias incríveis e atravessa paredes de aço e de concreto. Não conhece barreiras nem limites. Só não consegue penetrar mentes bloqueadas. Mente bloqueada está bloqueada pelo mesmo tipo de energia. Só a energia da mente pode resistir à energia de outra mente. (GRISA; BACK, 1987, p. 77)

Essa afirmativa constitui a base da crença de que qualquer ser humano pode ser considerado um sistema de energia dinâmico passível de ser manipulado pela força da mente. A energia utilizada no *reiki* é a mesma utilizada nas mais diferentes e distantes culturas e civilizações. Os centros de forças ou chakras do *reiki* são chamados de nádís na filosofia hindu e constituem uma extensa rede de pontos sutis de energia paralela aos nervos corporais.

Afirmam os adeptos dessa terapia que os princípios científicos que a sustentam baseiam-se na concepção de que o ser humano possui um campo de energia abundante no campo áureo, e flui através das mãos dos praticantes. Poderíamos ainda perguntar o marco inicial para essa arte milenar cujo ritual sobrevive em várias culturas religiosas nos dias atuais:

Sabemos hoje que certos mitos e símbolos circulam pelo mundo, propagados por certos tipos de cultura - ou seja, que esses mitos e símbolos não são descobertas espontâneas do homem arcaico, mas criações de um complexo cultural bem delimitado, elaborado e veiculado por certas sociedades humanas. (ELIADE, 2002, p. 30)

4 Prática religiosa no *reiki*

É nos rituais religiosos que se resume, pelo menos para seus adeptos, a forma de ver o mundo e a realidade de como o mundo é. Afirmam os reikianos que o *reiki* é uma instituição de cunho ritualístico, e não religioso. Mas, em sua prática, demonstram

exatamente o contrário, haja vista os espaços que definem para a prática do *reiki*, suas preces silenciosas evocativas, suas músicas e o uso de incensos.

Não é raro encontramos a técnica da imposição de mãos sendo utilizada nos dias atuais nas diferentes religiões e nas diferentes culturas. Se a eficácia do tratamento é de cunho religioso ou científico, isso não tem a menor relevância – pelo menos para o enfermo, o que interessa de imediato é o alívio das dores ou a esperança de uma cura no futuro.

Cada religião apresenta elementos próprios. Como as raízes do *reik* estão cravadas em bases orientais, encontramos uma plataforma mítica comum, que vem de escrituras antigas e distantes que lhes serviram de base, muitas vezes cristianizadas ao entrarem na bacia semântica da matriz religiosa brasileira. A experiência do não religioso permanece privada e centrada nela mesma. O homem religioso acredita na sua realidade e na transcendência do mundo, santificando o real e uma busca de riqueza e desenvolvimento puramente interior; assim se explica “a desgraça e a ruína do homem que «não tem imaginação»: ele está isolado da realidade profunda da vida e da sua própria alma” (ELIADE, 1991, p. 124).

As novas religiões orientais redescobrem a força vital ou prana, de que fala a cultura do Oriente, e os seus discípulos ativam essa energia para a distribuição de mais saúde às pessoas: é uma vivência terapêutica que não enfatiza a expectativa da fé ou a intervenção do além. Trata-se, antes de tudo, de uma confluência.

É claro que nem todas as realizações culturais são realizações religiosas e a linha entre as que são e as realizações artísticas, ou até mesmo políticas, não é muito fácil de demarcar na prática, pois, como as formas sociais, as formas simbólicas podem servir de múltiplos. O fato é que, parafraseando ligeiramente os indianos – “é talvez todos os povos” – parecem imaginar sua religião “encapsulada nessas realizações distintas que eles [podem] exhibir aos visitantes e a si mesmos”. (GEERTZ, 1989, p. 83)

A diversidade de símbolos não é uma descoberta inédita do mundo moderno, encontrava-se presente mesmo em sociedades consideradas arcaicas e primitivas, é o que afirma Mircea Eliade. Quer dizer, todas as culturas e todas as religiões dispõem de uma

base, em que os símbolos não fazem parte de criações da psiquê, mas representam uma revelação individual e secreta existente em cada ser.

Conclusão

O *reiki* representa uma prática religiosa individual. É com essa visão de que não existe mente sem espírito, que o *reiki* vem atuando. Pesquisas realizadas nas curas com a imposição das mãos mostraram semelhança entre os estudos realizados com os campos magnéticos. Boa parte desses trabalhos tornou-se possível com a ajuda dos curandeiros espirituais –; é o que narra a experiência de Gerber (1988, p. 256): as energias emanadas das mãos de Worrall reduziam a tensão superficial da água, modificando as propriedades de cristalização do cloreto de cobre e aumentando as taxas do crescimento das plantas por intermédio da água carregada da energia com as energias da curandeira.

Para Bourdieu (1987), está acontecendo atualmente uma redefinição da divisão corpo e alma e, conseqüentemente, da divisão relativa ao trabalho de cura das almas e do corpo. É com essa visão de que não existe mente sem espírito, que a medicina vibracional vem atuando nesse campo, e comprovando que reequilibrar os campos de energia auxilia o organismo a regular a fisiologia celular.

Com o avanço da ciência quântica e da bioenergética, muitos milagres estão sendo reinterpretados como energia manipulada “imposição das mãos, cura pela fé ou cura espiritual. Não se trata, de maneira alguma, de um processo misterioso: trata-se, pelo contrário, de um processo muito direto, se bem que, não raro, muito complicado. Um processo que envolve a reequilibração do campo de energia” (BRENNAN, 1987, p. 23).

A religião cria um sistema de linguagem inteiramente diferente do da ciência. No entanto, os dois sistemas descrevem e interpretam níveis diferentes do universo humano. Como parte da linguagem religiosa, o ritual sagrado, como é o da imposição das mãos, em busca de saúde e/ou salvação, nasce não só de expressões psicossociais de comunicação, mas também imprime e transforma os sentimentos pessoais e grupais com os símbolos do divino.

Nossa perspectiva é de que a religião, mais do que expressão da sociedade ou da psiquê, é um sistema de linguagem e práticas que organiza o mundo em torno do que é

considerado sagrado. Para os reikianos, é a terapia holística, e não a religião, o fator unificador – corpo e mente são inseparáveis, essa transformação inclui:

Uma visão sistêmica da vida, mente, consciência e evolução; a correspondente abordagem holística da saúde e da cura; a integração dos enfoques ocidental e oriental da psicologia e da psicoterapia; uma nova estrutura conceitual para a economia e a tecnologia; e uma perspectiva ecológica e feminista, que é espiritual em sua natureza essencial e acarretará profundas mudanças em nossas estruturas sociais e políticas. (CAPRA,1994, p. 14)

O sistema *reiki* concorre para a renovação espiritual do homem moderno. E assim, contribui como parte do cenário religioso estilo Novo Era. O melhor das religiões não estaria na base moral que as formula? Não estaria nas crenças e nos ritos sentidos de maneira diferente, contribuindo para uma propagação de ensinamentos espirituais, unindo as religiões ocidentais à sabedoria oriental? Semelhanças exteriores supõem outras que são profundas. “São esses elementos pertencentes que constituem o que existe de eterno e de humano na religião; formam todo o conteúdo objetivo da ideia que se exprime quando se fala de religião em geral. Como, pois, é possível chegar a atingi-los?” (DURKHEIM, 1989, p. 33).

Essa “redescoberta”, através das práticas de cura pela imposição das mãos, contribuiu para o retorno da simbologia, que não só transcende como também concede uma nova roupagem de conhecimento como parte da medicina natural através de seus terapeutas holísticos.

Referências

- ALBUQUEQUE, L.M.B. de. **Seicho-no-ie do Brasil: agradecimento, obediência e salvação.** São Paulo: Annablume / FAPESP, 1999.
- ANGELO, Jack. **A cura espiritual.** Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- BOURDEIU, P. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BOURDEIU, P. **Coisas ditas.** São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRENNAN, Bárbara Ann. **Mãos de luz: um guia para cura através do campo de energia humana.** São Paulo: Pensamento, 1999
- CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação.** São Paulo: Cultrix, 1982.
- CHANDU, Jack E. **Cura pelas mãos.** São Paulo: Hemus, 1983.
- CHOPRA, Deepak. **A cura quântica: o poder da mente e da consciência na busca da saúde integral.** São Paulo: Best Seller, 1989.
- CODDINGYON, Mary. **A Energia curativa.** São Paulo: Record, 1978.
- CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa: uma interpretação à fenomenologia da religião.** São Paulo: Paulinas, 2001.
- DURKEHAIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália.** São Paulo: Paulus, 1989.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência de religião.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FILORAMO, Giovanni. **As ciências das religiões.** São Paulo: Paulus, 1999.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.
- GERBER, Richard. **Medicina Vibracional: uma medicina para o futuro.** São Paulo: Cultrix, 2004.
- GIORDANI, Mário Curtis. **História da antiguidade oriental.** Petrópolis: Vozes, 1985.
- GONÇALVES, H. R. Perfect Liberty: **O fascínio de uma religião japonesa no Brasil.** 1998. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- GORDON, Richard. **A cura pelas mãos.** São Paulo: Pensamento, 1977.

GRISA, Pedro A.; BACK, FREI Hugolino. **A Cura Pela Imposição das Mãos**. [S. l.]: Editora de Parapsicologia e Psicofônica, 1987.

KUNG, Hans. **Religiões do mundo em busca dos pontos comuns**. São Paulo: Verus Editora, 2004.

LEVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

LÜBECK, Walter. **Manual de reiki: um guia completo para a prática do reiki**. São Paulo: Ground, 1997.

MAPLE, Eric. **A antiga arte de cura espiritual**. São Paulo: Hemus, 1979.

MAUSS, Marcel; OLIVEIRA, Roberto Cardoso de (Org.). **Antropologia**. São Paulo: Ática, 1979.

MIKAO, Usui. **Original reiki Handbook**. [S. l.]: Lotus Press, 2003.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Diálogos entre razão e fé**. São Paulo: Paulinas, 2000.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. São Paulo: Edipucrs, 1993.

OZAKI, André Masao. **As religiões japonesas no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

PETER, Frank Arjava. **Reiki: O legado do Dr. Usui: o documento original do dr. Mikao Usui: o desenvolvimento do sistema por ele criado e sua dimensão no mundo atual**. São Paulo: Ground, 2002.

RAMM-BONWITT, I. **Mudras: as mãos como símbolo do Cosmo**. São Paulo: Pensamento, 1997.

RAMOS, Sonia S. **REIKI: o sistema Usui de cura natural**. São Paulo: Meca, 1995.

RIVIERE, R.Jean. **Oriente e Ocidente**. Rio de Janeiro: Salvat, 1980.

ROCHEDIEU, Edmound. **Xintoísmo e novas religiões do Japão**. São Paulo: Verbo, 1982.

ROHDEN, Cleide Scartelli. **A camuflagem do sagrado e o mundo moderno à luz do pensamento de Mircea Eliade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1988.

SAMUEL, Albert. **As religiões hoje**. São Paulo: Paulus, 1997.

SAVIAN FILHO, Juvenal. **Fé e razão: uma questão atual?** São Paulo: Loyola, 2005.

STEIN, Diane. **Reiki Essencial: manual completo sobre uma antiga arte de cura**. São Paulo: Pensamento - Cultrix, 1995.

TERRIN, Aldo Natale. **O Sagrado off limits: a experiência religiosa e suas expressões**. São Paulo: Loyola, 1998.